

# DA HISTÓRIA NATURAL À HISTÓRIA DA NATUREZA: KANT E O TRANSFORMISMO

## *FROM NATURAL HISTORY TO THE HISTORY OF NATURE: KANT AND THE THEORY OF TRANSFORMISM*

*Isabel FRAGELLI<sup>1</sup>*

*Universidade de São Paulo*

Desde seu surgimento entre os antigos, a história natural sempre foi compreendida como uma ciência essencialmente descritiva. Na *História dos animais*, de Aristóteles, o que o leitor encontra não é outra coisa senão uma ampla e detalhada descrição tanto da forma (interna e externa) quanto dos hábitos e modos de vida de cada animal (incluindo-se aí o ser humano). Em sua introdução à edição francesa da obra, Pierre Louis nos explica que, no contexto da Antiguidade clássica, o termo “história” significava “o conhecimento dos fatos particulares a partir dos quais se elabora a ciência”. Assim, a obra de Aristóteles consiste precisamente numa “exposição dos fatos” relativos aos animais, ou ainda num “inventário de conhecimentos” a seu respeito [LOUIS, 2002, p. XIX e XX]. Assim compilados, tais fatos serviriam de base para as investigações propriamente científicas, que tratariam de encontrar as causas que os explicam, ou seja, a razão pela qual cada animal possui determinada forma, determinados hábitos etc.<sup>2</sup>

Mais tarde, a monumental *Naturalis historia*, de Plínio, o Velho, apresenta uma compilação vastíssima de informações e conhecimentos não somente acerca dos animais, mas de toda a natureza. O empenho universalizante de Plínio conferiu dimensões enciclopédicas a essa obra, na qual se encontram inúmeras descrições e observações (feitas não apenas pelo próprio Plínio, mas também citadas de outros autores) do céu, dos planetas e dos astros, de

<https://doi.org/10.36311/2318-0501.2022.v10n2.p69>

diversos fenômenos naturais, da composição da Terra, das rochas, dos vegetais, dos animais e, por fim, das características físicas e culturais dos seres humanos, bem como de algumas de suas artes e ciências (como a pintura e a agricultura). Nela, a presença de relatos prodigiosos ou acontecimentos fantásticos não ofusca o fato de que a intenção do autor é a de apresentar a realidade natural tal como ela é. Nesse sentido, a história é, também aqui, a compilação dos fatos que formam essa realidade, sem que se pretenda justificá-los a partir de uma investigação de sua origem, por meio de uma narrativa lógica e coerente dos acontecimentos passados que teriam levado à sua existência no presente (o que caracteriza aquilo que hoje normalmente entendemos por uma investigação histórica).

Tal concepção do conhecimento histórico acerca da natureza tampouco sofreu transformações com os grandes naturalistas do Renascimento, como Gessner e Aldrovandi. Até o século das Luzes, a ideia de um método histórico que implicasse não uma mera descrição ou apresentação dos fatos naturais, mas uma justificativa destes a partir de um estudo de sua gênese e de seu desenvolvimento ao longo do tempo ainda não se formara. Quem abriu as portas para essa abordagem, que levaria à elaboração de uma verdadeira *história da natureza*, foi principalmente Buffon, o célebre naturalista francês. Sua monumental *História natural, geral e particular* é uma obra de história natural marcada pelo espírito das Luzes e, ao mesmo tempo, manifestamente inspirada pelo exemplo clássico<sup>3</sup>. Nela, além de reflexões acerca do método e do estilo a serem empregados na história natural, de diversas elaborações teóricas a respeito da geração dos seres vivos, daquilo que determina a existência animal ou vegetal, da formação dos minerais e dos fósseis etc., é apresentado um conjunto vastíssimo de conhecimentos e descrições amplamente detalhadas dos seres da natureza, sempre característico das obras dos naturalistas (não por acaso a obra rendeu a Buffon o apelido de “Plínio francês”). No chamado “Primeiro Discurso”, o autor nos mostra que a principal ferramenta do naturalista deve ser o olhar: “deve-se começar por ver muito e rever com frequência”, afirma. Para elaborar boas descrições, é preciso aprender a ver, e a ver com atenção. Já nesse texto, provavelmente redigido por volta de 1745, ele formula uma distinção entre a *descrição* e a *história* das coisas:

*A descrição exata e a história fiel de cada coisa são, como dissemos, as duas únicas finalidades que se deve ter em vista desde o início. Fazem parte da descrição a forma, o tamanho, o peso, as cores, as posições no repouso e no movimento, a disposição das partes e suas relações, a figura, a ação, e todas as funções externas. A descrição será ainda mais completa se a tudo isso se acrescentar a exposição das partes internas. Devem-se apenas evitar os detalhes excessivamente minuciosos ou a descrição detida de uma parte menos importante, em detrimento de um exame mais aprofundado das coisas essenciais e principais. A história segue-se à descrição, e versa unicamente sobre as relações entre as coisas naturais e nós. A história de um animal deve ser não a história de um indivíduo, mas da espécie inteira a que ele pertence, compreendendo a geração, o tempo de gestação, o período de acasalamento, o número de filhotes, os cuidados dos pais, o gênero de educação, seu instinto, os locais por eles habitados, sua nutrição, os modos como se auxiliam uns aos outros, seus costumes, sua astúcia, seus hábitos de caça, e, em seguida, os préstimos que podem ter para nós ou a comodidade que podem nos fornecer. Caso se encontrem, no interior do corpo do animal, coisas notáveis, seja pela conformação, seja por sua eventual utilidade, devem ser acrescentadas ou à descrição ou à história. [BUFFON, 2020, p. 22].*

A *descrição* se funda na observação direta das características físicas (internas e externas) de cada ser. A *história*, por sua vez, extrapola o domínio da observação quase estática de dados físicos ou fisiológicos de determinado ser e propõe dele um estudo mais dinâmico, por assim dizer, e abrangente, visando a compreensão da maneira como ele se insere no mundo e se relaciona com os outros seres (em particular com os seres humanos). É certo que a *história* assim definida não parece diferir, ela mesma, de uma descrição em sentido amplo, ou seja, de uma mera exposição ou relato dos fatos que constituem e determinam a existência de seu objeto. Não há ainda, nesse “Primeiro Discurso”, a ideia de uma ciência dedicada à investigação do passado dessa natureza que se apresenta aos nossos olhos no tempo presente e, como tal, é o objeto de nossas descrições; não se coloca ainda a sugestão de que talvez conviesse ao naturalista perguntar-se em que momento e de que maneira a natureza se tornou aquilo que ela é atualmente, buscando não apenas conhecer os fatos que ocorreram no passado, mas atribuir um sentido a seu desenrolar no tempo.

Tal ideia é apresentada no ensaio *Das épocas da natureza*, inserido no conjunto da *História natural* e publicado em 1778. É aqui que Buffon desenvolve uma verdadeira *história da natureza*, construindo uma narrativa que conta o processo de formação da Terra desde a sua origem até o momento em que os homens a ocuparam e passaram a transformá-la por meio de sua ação. Os diferentes momentos dessa formação o autor denominou “épocas” (são sete, no total), a fim de tornar mais acessível ao raciocínio teórico o desenrolar de acontecimentos que se deram num passado extremamente remoto e, muito provavelmente, durante períodos de tempo demasiado extensos para que a nossa imaginação seja capaz representá-los. Na versão publicada do ensaio, Buffon atribui ao nosso planeta uma idade de 75 mil anos; a partir de seus manuscritos, porém, sabe-se que ele chegou a supor que ela poderia ser de 3 milhões de anos. A investigação de um passado tão vasto e quase inapreensível para nós decerto exige um enorme esforço especulativo; ao mesmo tempo, segundo Buffon, o *historiador* da natureza não possui outra maneira de conhecê-lo senão por meio dos testemunhos que os fenômenos naturais do presente ainda conservam dos tempos mais distantes. O verdadeiro trabalho desse historiador (ou talvez fosse melhor defini-lo como um *arqueólogo*) será, assim, o de unir as suas próprias observações às observações relatadas por outros naturalistas, encadear esse conjunto de informações segundo uma ordem temporal e formar, a partir dele, *um todo coeso*:

Mas, como se trata aqui de penetrar a noite dos tempos; de explorar, por meio da inspeção das coisas atuais, a antiga existência das coisas desaparecidas; e de remontar, mediante a mera força dos fatos subsistentes, à verdade histórica dos fatos já sepultados; como se trata, em uma palavra, de julgar não apenas o passado moderno, mas o passado mais remoto, somente a partir do presente, e, para nos elevarmos a esse ponto de vista, precisamos de todas as nossas forças reunidas; empregaremos três principais meios: 1º) os fatos que podem nos aproximar da origem da natureza; 2º) os vestígios que devem ser tomados como testemunhos de suas primeiras épocas; 3º) os elementos da tradição que podem nos fornecer alguma ideia das épocas subsequentes; depois disso, trataremos de ligar o todo por meio de analogias e formar uma cadeia que descerá até nós a partir do cume da escala temporal. [BUFFON, 2007, p. 1195].

Ao longo de sua narrativa, Buffon explica que a Terra (assim como os outros planetas) teria surgido a partir do choque de um cometa com o Sol. Sua matéria, inicialmente fluida

e envolta em vapor, teria resfriado ao longo dos anos e se solidificado, permitindo que as águas que caíam da atmosfera se acumulassem nas partes mais fundas do solo já formado. Nesses mares primitivos teriam surgido as primeiras formas de vida, provavelmente de animais providos de conchas cujos vestígios são encontrados até hoje por toda parte do globo<sup>4</sup>. A partir daqui, seria possível supor que, no interior dessa história da formação de nosso planeta, teria lugar uma teoria transformista das formas de vida, segundo a qual as diferentes espécies de seres vivos teriam surgido umas a partir das outras, evoluindo das mais simples às mais complexas. Buffon, porém, não afirma essa ideia, ao contrário: defende que a forma de cada espécie animal é fixa e permanece sendo a mesma desde seu aparecimento (sem, no entanto, nos dar detalhes de como elas teriam efetivamente surgido):

Quando comparamos esses antigos vestígios da primeira idade da Natureza viva com suas produções atuais, vemos, de maneira evidente, que a forma constitutiva de cada animal se manteve igual e sem alteração em suas principais partes; o tipo de cada espécie não mudou; o molde interior conservou sua forma e em nada variou. Por mais longa que se imagine ser a sucessão dos tempos; e seja qual for o número de gerações que se queira admitir ou supor, os indivíduos de cada gênero representam, hoje, as formas daqueles dos primeiros séculos, sobretudo nas espécies maiores, cujo cunho é mais firme e a natureza mais fixa<sup>5</sup>. [BUFFON, 2007, p. 1208 (“Discours introductif”).]

Sabemos que a tese transformista recebe uma fundamentação teórica mais sólida somente com as obras de Lamarck e Darwin. É verdade que, nas últimas décadas do século XVIII, a ideia de que a notável semelhança entre as diversas formas das espécies de seres vivos nos levaria a suspeitar de que todas elas seriam derivadas de uma mesma forma originária, ou de um modelo comum, circulava amplamente entre os naturalistas. Aqui, na medida em que cada espécie seria tomada como uma manifestação particular desse modelo geral, pode-se falar de uma “analogia” de suas formas. Para o transformismo, porém, não se trata apenas de observar entre elas essa analogia, mas de conceber a passagem efetiva e concreta de uma à outra no decorrer do tempo. Tal intenção exige, sem dúvida, que a natureza viva seja pensada *historicamente* (o que não significa obrigatoriamente submetê-la a uma teleologia).

Na obra de Kant, a ideia de um estudo verdadeiramente histórico dos seres vivos aparece primeiramente na tentativa de compreender a existência de variedades, isto é, de diferentes raças no interior da espécie humana. A esse problema Kant dedicou três famosos ensaios, intitulados *Das diferentes raças humanas* (1775), *Determinação do conceito de uma raça humana* (1785) e *Sobre o uso de princípios teleológicos na filosofia* (1788). No ensaio de 1788, ele afirma que a compreensão dessa multiplicidade no interior de uma espécie única<sup>6</sup> exigiria uma investigação da *origem* dessa espécie e, por conseguinte, também de sua diversificação. A implementação desse método genético nas ciências naturais implicaria uma nova aceção do termo “história”, o que traria alguma dificuldade para os naturalistas:

A palavra *história* [*Geschichte*] visto que exprime o mesmo que a grega *Historia* [*Historia*] (relato, descrição), já está muito usada e há muito tempo para que se deva facilmente consentir competir-lhe uma outra significação, que possa designar a investigação natural da origem [KANT, 2013, p. 219; AA VIII 162].

O reconhecimento da necessidade de se investigar a natureza viva dessa maneira levou-o a também propor uma distinção entre a *descrição da natureza* e a *história da natureza*. O principal fundamento dessa distinção reside na relação com o tempo: enquanto a descrição fala do objeto em seu estado presente, tal como aparece ao observador, a história deverá recuperar seu passado, a fim de conhecer sua origem. Já no ensaio de 1775 (no período pré-crítico, portanto), uma famosa rota de rodapé apresenta com clareza essas duas concepções:

Nós habitualmente tomamos as denominações *descrição da natureza* e *história da natureza* no mesmo sentido. Mas, está claro que o conhecimento das coisas da natureza, como elas agora são, sempre deixa a desejar o conhecimento daquilo que elas *foram* anteriormente, e por qual série de alterações passaram para chegar ao seu estado presente em todos os lugares. A *história da natureza*, da qual nos falta quase tudo ainda, ensinar-nos-ia sobre a alteração da forma da terra, bem como sobre a alteração que as criaturas da terra (plantas e animais) sofreram por meio de migrações naturais, e sobre as derivações originadas do protótipo do gênero fundamental dessas criaturas. Ela provavelmente reduziria uma grande quantidade de espécies aparentemente diferentes a raças do mesmo gênero, e transformaria o agora tão detalhado sistema escolar da descrição da natureza em um sistema físico para o entendimento<sup>7</sup>. [KANT, 2010, 16; AA II 434, 435].

Como vemos, Kant associa a *descrição da natureza* ao método mais comum da história natural, segundo o qual o naturalista, partindo da descrição das características físicas observadas em cada ser, comparava as semelhanças e diferenças entre eles e procurava ordená-los segundo gêneros, famílias, classes etc. Evidentemente, uma tal ordenação (que se pretende sistemática<sup>8</sup>) não leva em consideração os processos e transformações que esses seres possam ter experimentado ao longo do tempo.

No caso da espécie humana, Kant acredita que a ideia de sua unidade está muito mais de acordo com a razão que ideia (defendida na época por alguns autores) de que cada uma das raças constituía, por si mesma, uma espécie singular. O principal argumento em favor dessa tese é o de que as diferentes raças podem se reproduzir entre si, gerando descendentes férteis e necessariamente híbridos (isto é, que possuem características de ambos os progenitores)<sup>9</sup>. Pois, caso se tratasse de espécies distintas, oriundas de troncos distintos, precisaríamos supor algo muito improvável, a saber: que a natureza teria criado seres que não possuem uma origem comum e, no entanto, são capazes de se encaixar surpreendentemente bem, a ponto de conseguirem se reproduzir e gerar seres híbridos e férteis. Assim, lemos, no ensaio de 1788:

Não pode haver característica mais segura da diversidade do tronco original do que a impossibilidade de obter uma prole fértil pelo cruzamento de duas divisões humanas hereditariamente distintas. Mas se esse cruzamento tem êxito, então, ainda assim a grande diferença da forma não obsta para, ao menos possivelmente, encontrar uma linhagem comum aos mesmos; pois, não obstante esta diferença, assim como eles puderam se *unificar* através da procriação em um produto que contém características de ambos, eles, também pela procriação, poderiam se *dividir* em tantas raças a partir de um tronco que originalmente ocultava em si as disposições para o desenvolvimento de ambas as características. [KANT, 2013, p. 221; AA VIII 164, 165].

É certo que as características de cada raça estão relacionadas à sua capacidade de adaptação a um determinado clima. Por exemplo: nos climas mais quentes, encontram-se mais indivíduos da raça negra, pois sua pele é mais resistente ao sol intenso; nas regiões glaciais, encontram-

se normalmente indivíduos de menor estatura, pois neles a circulação sanguínea ocorre mais rapidamente, permitindo que a temperatura de todo o corpo se mantenha elevada<sup>10</sup>; e assim por diante. Ora, se as raças fossem, na verdade, espécies distintas, precisaríamos supor que a natureza teria formado cada uma delas *para um determinado clima*; e, contudo, quando estas espécies distintas se encontrassem, teriam que ser capazes de se reproduzir e transmitir suas características a seus descendentes. É, portanto, muito mais razoável pensar que esses seres humanos diversos são apenas variedades de uma única e mesma espécie, a qual teria sido originalmente criada com a capacidade natural de se desenvolver de diversas maneiras em função da necessária adaptação a um determinado clima. Segundo a explicação de Kant, essa espécie única seria dotada de “germes” e “predisposições naturais” preparados para todos os climas (portanto, correspondentes às características de todas as raças humanas existentes) que se desenvolveriam ocasionalmente, a partir da necessidade de adaptação às condições externas:

O homem foi determinado para todos os climas e para todas as qualidades do solo; conseqüentemente, diversos tipos de germes e predisposições naturais tinham de estar nele preparados para serem oportunamente desenvolvidos ou contidos, a fim de que ele se adeque ao seu lugar no mundo, e pareçam no curso das procriações como que inatas e feitas para isso. [KANT, 2010, p. 17; AA II 435, 436].

No interior da obra crítica, essas ideias encontram seu fundamento na *Crítica da faculdade de julgar teleológica*, quando Kant apresenta sua interpretação da teoria da epigênese. No §81, ele reúne as duas principais teorias embriológicas da época - a da *pré-formação* (também conhecida, na época, como “teoria da evolução”<sup>11</sup>) e a da *epigênese* - sob o nome comum de teorias do “*pré-estabilismo*”. Ele as diferencia da seguinte maneira: a primeira deve ser entendida como uma *pré-formação individual*, segundo a qual todos os seres naturais foram criados, pelo Criador, exatamente tal como são, existindo como germes embutidos uns nos outros no material reprodutor ou da fêmea, ou do macho, desde sua origem. Uma vez que a forma do ser vivo já está dada, seu desenvolvimento orgânico não passa de um mero crescimento das partes, podendo ocorrer mecanicamente. A segunda, por sua vez, consiste numa *pré-formação genérica*, para a qual os organismos se desenvolvem progressivamente ao longo do tempo segundo uma forma já “virtualmente” dada (i. e., não concretamente, como no caso da *pré-formação individual*). Aqui, diz Kant, “a faculdade produtiva daquele que gera, portanto a forma específica, é *virtualiter* pré-formada segundo as disposições internas conformes a fins que foram partilhadas ao tronco comum” [KANT, 2016, p. 320 / AA V 423].

Essa forma dada não é outra coisa senão a forma particular de cada espécie, na qual já estão contidos todos os “germes” aptos a se desenvolverem efetivamente em cada indivíduo. Por conseguinte, no caso da espécie humana, as potencialidades necessárias para a adaptação dos indivíduos a diversos territórios e climas do globo terrestre já estarão contidas nessa forma geral, e somente a relação com o clima determinará quais delas se desenvolverão e quais permanecerão “ocultas”. Reproduzidas ao longo de muitas gerações, algumas características (como, por exemplo, a cor da pele) se tornam “infalivelmente hereditárias”, qualificando assim uma determinada *raça*. Ora, uma tal relação entre a espécie e suas raças (entre a unidade e a diversidade que lhe é inerente) poderá ser compreendida apenas se for disposta no tempo:

Esse cuidado da natureza em preparar sua criatura, através de medidas preventivas escondidas internamente, para todos os tipos de circunstâncias futuras, a fim de que ela se conserve e seja adequada à diversidade do clima ou do solo, é admirável e produz, na migração e no transplante dos animais e plantas, aparentemente novas espécies, que nada mais são do que derivações e raças do mesmo gênero, cujos germes e predisposições naturais se desenvolveram apenas ocasionalmente de diferentes maneiras ao longo do curso do tempo. [KANT, 2010, p. 16].

Partindo dos princípios da *história natural* (ou da *descrição da natureza*), isto é, atentando apenas para a observação das semelhanças e diferenças entre os seres tal como eles são no presente, o naturalista talvez pudesse tomar as raças por espécies distintas. Agora, se ele pretende explicar essas semelhanças e diferenças, será preciso lançar mão de um método verdadeiramente histórico, remontando às origens da espécie humana no tempo. Kant então conclui que a *descrição da natureza* “é de longe insuficiente para indicar a causa das derivações” [KANT, 2010, p. 26; AA II 443], algo que apenas um método verdadeiramente histórico, que atente para a observação de tudo aquilo que possa indicar a “linhagem original” das variedades, e não somente seus “caracteres semelhantes”<sup>12</sup>, possibilitaria.

*Descrição e história* são, portanto, métodos distintos, que possuem estatutos distintos no interior da filosofia crítica kantiana: são abordagens “completamente *heterogêneas* e, se aquela (a descrição da natureza), em toda suntuosidade de um grande sistema, aparece como ciência, a outra (a história da natureza) apenas pode indicar fragmentos ou hipóteses vacilantes” [KANT, 2013, p. 218; AA VIII 162]. Se é verdade que a primeira não faz mais que observar e dispor a experiência metodicamente, compondo, desse modo, um “sistema escolar”, cuja organização dos seres em espécies, gêneros etc. baseia-se na relação de semelhança ou diferença aparente que eles possuem entre si; a segunda, por sua vez, investiga algo de que não podemos ter qualquer experiência, a saber, a *origem* dos seres num tempo remoto. Por esse motivo, é preciso reconhecer que ela não pode fundar-se senão em meras conjecturas – o que é admitido, por Kant, na seguinte passagem de sua *Geografia física* (obra publicada tardiamente a partir dos cursos que ele ofereceu sobre o tema na Universidade de Königsberg):

Se apresentarmos os acontecimentos do conjunto da natureza tal como existiram ao longo de todas as épocas, produziremos, então, uma história propriamente dita da natureza. Se examinarmos, por exemplo, de que modo as diferentes raças de cães provêm de um mesmo tronco, e por quais transformações teriam passado ao longo de todas as épocas, estando sujeitas aos efeitos de diferentes territórios, climas etc., teríamos uma história natural dos cães; e poderíamos elaborar uma para cada parte distinta da natureza (por exemplo: para as plantas etc.). Mas há nela uma dificuldade: o fato de que precisaria ser deduzida de conjecturas extraídas da experiência, e não de informações exatas a respeito do todo. Pois a história da natureza não é mais recente que o próprio mundo (...). [KANT, AA IX 161-162<sup>13</sup>]

A terceira *Crítica* também propõe uma solução para esse problema. Kant acredita que, para orientar-se nessa investigação histórica, o naturalista precisará recorrer a um princípio: o princípio *teleológico*, ou da finalidade da natureza, por meio do qual será possível à razão pensar que os seres foram criados tal como o foram para um determinado fim. No caso das raças, esse princípio conduz a razão a conceber que a espécie humana pode perfeitamente ter sido

criada tal como vimos mais acima (contendo aquelas disposições inatas) *a fim de que* ela, ao difundir-se por todo o globo terrestre, pudesse desenvolver as características adequadas para sua adaptação aos mais diversos climas. Assim, diz Kant, pode-se pensar que “o desenvolvimento das disposições se orientou de acordo com os lugares e não os lugares, por acaso, tiveram que ser selecionados para as disposições já desenvolvidas” [KANT, 2013, p. 228; AA VIII 173]. Esse argumento compreende, além de tudo, uma ideia bastante favorável aos interesses da razão: a de que a natureza não é perdulária, mas econômica em suas criações. Em vez de criar uma multiplicidade de espécies humanas distintas e determinadas, cada uma, para um clima em particular, teria criado somente uma, à qual teria atribuído a capacidade de diversificar-se por meio da reprodução (visto que essa diversificação é necessária para sua sobrevivência nas diversas regiões do planeta).

Prevenido pela crítica, o investigador saberá que há um uso legítimo do princípio teleológico - um uso meramente reflexionante, ou regulativo, que, embora não o leve a ampliar seus conhecimentos acerca da natureza (pois a ciência natural deve exercer-se sempre dentro dos limites da experiência possível, sob a legislação do entendimento), lhe fornece meios para *pensar* o universo natural *como se* ele fosse ordenado conforme a fins. Na verdade, a razão não deve pensar a respeito dos seres vivos senão dessa maneira:

Mesmo no que diz respeito à modificação a que certos indivíduos das espécies organizadas estão eventualmente submetidos, caso se descubra que as características aí modificadas são hereditárias e incorporadas à força de reprodução, ela não pode ser julgada adequadamente a não ser como o desenvolvimento ocasional de uma disposição conforme a fins dada originariamente para a autoconservação da espécie. [KANT, 2016, p. 317 / AA V 420].

No §80 da terceira *Crítica*, vemos que a ideia de uma compreensão histórica da natureza leva Kant a vislumbrar uma origem comum não apenas das variedades de uma determinada espécie, mas das diversas espécies entre si. Dito de outra forma: ela o leva à beira da elaboração de uma teoria transformista. De acordo com o que ele afirma, a própria observação das semelhanças entre as espécies, ou aquela “analogia” das formas, que nos leva a supor a existência de um “plano” ou um “arquétipo comum originário” para todas elas, “fortalece a suspeita” de que possa haver entre elas também um “parentesco efetivo comum”. Ora, levar adiante essa suspeita (talvez inevitável para o nosso arqueólogo da natureza) seria, sem dúvida, uma “ousada aventura”:

Uma hipótese desse tipo só pode ser denominada uma aventura arriscada da razão; e deve haver poucos investigadores da natureza, mesmo entre os mais perspicazes, aos quais essa hipótese não tenha passado pela cabeça. Pois ela não é absurda como a *generatio aequivoca*, pela qual se compreende a geração de um ser organizado através do mecanismo da matéria bruta desorganizada. Ela seria antes uma *generatio univoca* no sentido mais geral da palavra, na medida em que algo orgânico seria gerado a partir de um outro orgânico, ainda que especificamente distinto dessa espécie de ser - se, por exemplo, certos animais aquáticos se transformassem gradativamente em animais de pântano, e destes, após algumas gerações, em animais terrestres. Isso não é contraditório *a priori*, em um juízo da razão pura. Ocorre que a experiência não exhibe nenhum exemplo disso; a partir desta, toda geração que conhecemos é antes *generatio homonyma* - não apenas *univoca*, em contraposição à geração a partir de material inorgânico, mas chegando a criar um produto que, em sua organização mesma, é homogêneo ao que o gerou; ao passo que a *generatio heteronyma*, até onde alcança o nosso conhecimento empírico da natureza, não pode ser encontrada em parte alguma. [KANT, 2016, p. 316 / AA 420]



A hipótese de que uma espécie possa originar-se a partir de outra não lhe parece de todo absurda ou contraditória; entretanto, a experiência não nos fornece dados para afirmar a possibilidade desse parentesco comum originário, uma vez que, de acordo com o que se observa, somente indivíduos de uma mesma espécie podem se reproduzir entre si e gerar descendentes férteis. Por essa razão, em vez de embarcar na “ousada aventura” dessa investigação, Kant tende a permanecer nos limites de uma teoria fixista.

Não deixa de ser verdade, porém, que a teoria transformista pôde surgir somente quando a história natural inseriu a perspectiva temporal no estudo das diferentes formas dos seres vivos. Se Kant não foi o autor responsável por essa virada, sua intenção de redefinir o conceito de *história* nas ciências da natureza decerto contribuiu para a construção de um ambiente teórico favorável para que ela ocorresse.

**RESUMO:** A história natural nasce entre os autores da antiguidade clássica como uma ciência essencialmente descritiva. Até meados do século XVIII, ainda não estava implicada, nessa ciência, a ideia de uma investigação da natureza em seu desenvolvimento temporal. Na mesma época em que Buffon publica o ensaio *Das épocas da natureza*, em que elabora uma verdadeira “história da Terra” narrada desde seu surgimento até o tempo presente, o estudo das raças humanas levou Kant a propor uma outra acepção para o termo “história”: ele deveria significar, agora, “a investigação natural da origem” de determinado objeto (no caso, da espécie humana). O fato de que as raças humanas são apenas variedades de uma espécie única não poderia ser compreendida senão a partir dessa perspectiva temporal, segundo a qual cada uma delas seria o resultado de um desenvolvimento particular e contingencial de características contidas na forma originária da espécie. A proposta de uma tal investigação levou-o a imaginar que essa relação entre diversidade e unidade, assim disposta no tempo, talvez pudesse fundamentar uma “história” não somente das raças, mas também das diferentes espécies existentes. É justamente essa a ideia que está na base da teoria popularizada por Lamarck e Darwin, que conhecemos com o nome de transformismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** história natural; Kant; transformismo; filosofia da natureza.

**ABSTRACT:** Natural history was born among the authors of classical antiquity as an essentially descriptive science. Until the middle of the eighteenth century, the idea of an investigation of nature in its temporal development was not yet implied in this science. At the same time that Buffon published the essay *On the Epochs of Nature*, in which he elaborated a true “history of the Earth” from its emergence to the present time, the study of human races led Kant to propose another meaning for the term “history”: it should now mean “the natural investigation of the origin” of a certain object (in this case, of the human species). The fact that the human races are just varieties of a single species could not be understood except from this temporal perspective, according to which each of them would be the result of a particular and contingent development of certain characteristics contained in the original form of the species. The idea of such an investigation took him to imagine that this relationship between diversity and unity, disposed in this way in time, could perhaps ground not only a “history” of the varieties or, races, but also a “history” of all the different species existing on the planet. This is precisely the idea that underlies the theory popularized by Lamarck and Darwin, known as transformism.

**KEYWORDS:** natural history; Kant; transformism; philosophy of nature.

## BIBLIOGRAFIA:

ARISTÓTELES. *Histoire des animaux* (livr. I-IV). Paris: Belles Lettres, 2002.

BUFFON. *História natural*. São Paulo: Unesp, 2020.

\_\_\_\_\_. *Oeuvres*. Gallimard (la Pléiade), 2007.

KANT. *Crítica da faculdade de julgar*. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_. Das diferentes raças humanas. Em: *Kant e-prints*, Campinas, Série 2, v. 5, n. 5, p. 10-26, número especial, Jul.-Dez., 2010.

\_\_\_\_\_. Determinação do conceito de uma raça humana. Em: *Kant e-prints*, Campinas, Série 2, v. 7, n. 2, p. 28-45, Jul.-Dez., 2012.

\_\_\_\_\_. *Géographie*. Paris: Aubier, 1999.

KANT. *Gesammelte Schriften*. Bd. I-XXIII. Hrsg. von der Preußischen Akademie der Wissenschaften. 1900ff.

\_\_\_\_\_. Sobre o uso de princípios teleológicos na filosofia. Em: *Trans/Form/Ação* (revista), Marília, v. 36, n. 1, p. 211-238, Jan.-Abr., 2013.

LOUIS, P. Introdução. Em: ARISTÓTELES, *Histoire des animaux* (livr. I-IV). Paris: Belles Lettres, 2002.

PLÍNIO, O VELHO. *Histoire naturelle*. Gallimard (la Pléiade), 2013.

## NOTES

<sup>1</sup> Professora de História da Filosofia Moderna na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). É formada em Filosofia (2002-2007) e possui Doutorado Direto (2014) pela mesma instituição. Realizou Pós-Doutorado (2014-2015) pela Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne (França). Publicou diversos artigos sobre Kant, tais como “A morfologia natural em Kant e Buffon” (Siglo 18) e “Técnica da natureza e epigênese na terceira Crítica de Kant” (Estudos Kantianos). É tradutora do livro *Sobre o Impulso de formação e a geração* de Blumenbach (Editora UFABC, 2020) e co-tradutora do livro História natural de Buffon (Editora UNESP, 2020). Especializou-se no estudo da filosofia alemã do séc. XVIII e, atualmente, desenvolve pesquisa sobre as relações entre filosofia e ciências naturais no pensamento moderno.

Professor of History of Modern Philosophy at the University of São Paulo (FFLCH/USP). She holds a degree in Philosophy (2002-2007) and PhD (2014) from the same institution. She was Visiting Scholar at Université Paris 1-Panthéon-Sorbonne (2014-2015). She published many articles on Kant, including “A morfologia natural em Kant e Buffon” (Siglo 18) and “Técnica da natureza e epigênese na terceira Crítica de Kant” (Estudos Kantianos). She translated Blumenbach’s book *Sobre o Impulso de formação e a geração* (Editora UFABC, 2020) and co-translated Buffon’s book *História Natural*. Specialized in the study of 18th century German philosophy, she currently studies the relationship between philosophy and natural sciences in modern thought.

<sup>2</sup> Essas investigações são apresentadas por Aristóteles sobretudo nos tratados *As partes dos animais* e *Geração dos animais*.

<sup>3</sup> Buffon é explícito em relação a seus juízos a respeito das obras dos antigos e dos modernos. Ele afirma, no “Primeiro Discurso”: “Os antigos são censurados por não terem elaborado métodos, e os modernos julgam-se superiores a eles por terem feito um grande número de arranjos metódicos e dicionários, como se isso fosse suficiente para provar que os antigos não tinham tantos conhecimentos de História Natural quanto nós. Todavia, o contrário é verdadeiro; e, na sequência desta obra, não faltarão oportunidades para provar que os antigos eram muito mais avançados e instruídos, não direi em Física, mas na História Natural dos animais e minerais, e estavam muito mais familiarizados com os fatos dessa história, e têm, por isso, muito a nos ensinar com suas descobertas e observações”. [BUFFON, 2020, p. 28].

<sup>4</sup> Segundo Buffon, a presença desses vestígios mesmo em partes elevadas de diversas montanhas é uma prova de que essas partes um dia estiveram submersas (logo, de que o nível das águas era muito mais elevado que nos dias de hoje). Ver BUFFON, 2007, p. 1247 (“Terceira época”).

<sup>5</sup> Ver também *De la Nature. Seconde vue*, em: BUFFON, 2007, p. 998 e 999.

<sup>6</sup> Kant defende, portanto, a unidade da espécie humana.

<sup>7</sup> Em uma passagem anterior do mesmo texto, Kant explica a diferença entre o sistema “escolar” e o sistema “físico”, ou natural: “A divisão escolar se baseia em *classes* e divide por *semelhança*. A divisão natural, por outro lado, leva em conta troncos e divide os animais segundo *parentescos*, com vistas à procriação. Aquela proporciona um sistema escolar para a memória, essa última um sistema natural para o entendimento: a primeira tem por objetivo unicamente intitular as criaturas, a segunda colocá-las sob leis”. KANT, 2010, p. 10; AA II 429].

<sup>8</sup> No século XVIII, há um grande debate a respeito da ideia de uma organização sistemática da natureza. Alguns autores (como Lineu) acreditavam ser possível determiná-la, outros (como Buffon) rejeitavam essa possibilidade. A posição de Kant, como se sabe, é bastante singular: em sua terceira *Crítica*, o princípio que fundamenta a ideia de que a natureza é um sistema é um princípio facultade de julgar reflexionante, e não determinante. Assim, a razão pode (e deve) *pensar* essa organização sistemática, porém não é capaz de *conhecê-la*.

<sup>9</sup> Ver, a esse respeito, o ensaio de 1785: “O branco com a negra (e vice-versa) geral os mulatos, com a indiana os *amarelos*, e com a americana os mestiços *vermelhos*; o americano com a negra geral os *caraibas pretos*, e vice-versa (a mistura do indiano com o negro ainda não foi tentada). O caráter das classes é *infalivelmente* assimilado em misturas heterogêneas, e não há qualquer exceção sobre isso”. [KANT, 2012, p. 33; AA VIII 95].

<sup>10</sup> Ver KANT, 2010, p. 18; AA II 436.

<sup>11</sup> Que não possui relação com o evolucionismo darwiniano.

<sup>12</sup> Ver KANT, 2013, p. 221; AA VIII 165.

<sup>13</sup> Ver KANT, 1999, p. 71.

